



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

O DISCURSO REALISTA EM DOIS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E GUY DE MAUPASSANT



THE REALIST DISCOURSE IN TWO SHORT STORIES BY MACHADO DE ASSIS AND GUY DE MAUPASSANT

Larissa Ingrid Pinheiro de França BEZERRA
Universidade Regional do Cariri, Brasil

Newton de Castro PONTES
Universidade Regional do Cariri, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 29/04/2024 • APROVADO EM 15/08/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1849>

Resumo

Este artigo¹ analisa contos de dois autores pertencentes à tradição da literatura realista, Machado de Assis e Guy de Maupassant. Analisamos como o discurso realista aparece nas obras dos dois ficcionistas por meio de uma perspectiva comparada e da observação do realismo formal no conto do século XIX. Nesse sentido, a partir de “O caso da vara”, de Machado de Assis, e “Bola de Sebo”, de Guy de Maupassant, buscamos tratar de como o

¹ Parte da pesquisa de Iniciação Científica “Conto e realismo no século XIX: Machado de Assis e Maupassant”, financiada pela Funcap (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico), à qual prestamos nossos agradecimentos.

discurso realista aparece em ambos os contos a partir de conceitos como *apadrinhamento* e *decoro*, e como eles evidenciam questões sinuosas das relações sociais e revelam a condição humana com ironia e mordacidade. Assim, mesmo os autores pertencendo a culturas literárias distintas (brasileira, em Machado, e francesa, em Maupassant), cada um, à sua maneira, desnuda a realidade e mostra uma situação por meio da ótica de classes subalternizadas e silenciadas.

Abstract

In this article we analyze short stories written by two authors identified to the realist aesthetics in literature: Machado de Assis and Guy de Maupassant. Our focus is on how realist discourse appears on both fictionists through a comparative perspective and through the observation of a formal realism present in the nineteenth-century short story as a genre. In this sense, we investigate the representation of a realist discourse on Machado de Assis' "O caso da vara" and Maupassant's *Boule de Suif* recurring to concepts such as *apadrinhamento* and *decorum*, and how they evidence winding questions about social relations and reveal the human condition with irony and mordacity. Even though those authors belong to distinct literary cultures (Brazilian, in Assis' case, and French, in Maupassant's), each one finds a way to unmask reality and show a situation through the lenses of subalternized and silenced social classes.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Conto. Realismo. Machado de Assis. Guy de Maupassant. Literatura do século XIX.

Keywords: Short story. Realism. Machado de Assis. Guy de Maupassant. Nineteenth-century literature.

Texto integral

No ensaio "A importação do romance e suas contradições em Alencar", de 1977, o crítico literário Roberto Schwarz (2000) apresenta uma análise sobre o descompasso entre a forma literária do romance e o processo de desenvolvimento social brasileiro a partir da leitura das obras de José de Alencar. Schwarz aponta que, quando o romance foi importado para o Brasil, não foi importada apenas a nova forma de escrever ligada àquele gênero, mas também as ideologias europeias que eram vinculadas ao romance, como os valores liberais e humanistas difundidos a partir da Revolução Francesa e consequente ascensão da burguesia e do capitalismo. Entretanto, os ideais burgueses não se encaixavam em um país de formação social tão diferente como o Brasil, baseado nas relações de escravidão, de favores e de apadrinhamento, um país recém-independente politicamente, mas ainda dependente, em maior ou menor grau, da cultura europeia.

Essa complexa tentativa de harmonização entre ideais europeus e nacionais gerou diversas contradições, especialmente na obra de Alencar. Um exemplo disso aparece em *Senhora*: Aurélia (protagonista do romance) é uma personagem que implica uma ordem clássica do mundo burguês, mas está rodeada de personagens periféricos que, por sua vez, pertencem à ordem dos favores, com esta dualidade sendo reflexo de uma "cultura dependente" (Schwarz, 2000, p. 42) característica

do Brasil. Em nenhum momento essas duas esferas entram em conflito, e Alencar, ao trazer, em um mesmo plano, a cor local, representada pelas relações de favor, e a sofisticação europeia, representada pelo conflito dialético moral do dinheiro, quebra a unidade do romance e o enfraquece artisticamente.

No tocante à ideia de uma cultura dependente, a análise de Schwarz não está deslocada dos demais trabalhos que surgiram a partir dos anos de 1950. Segundo García Canclini (2008, p. 43), nesse período, surgiram vários estudos que definiram a identidade latino-americana a partir dessa relação de dependência cultural e que “viam na subordinação dos países latino-americanos a raiz de nossos males, e entendiam, portanto, que estes se resolveriam com um desenvolvimento [...] culturalmente autônomo”. Nesse sentido, Schwarz mostra que, no Brasil, o que permeia as relações de poder, na realidade e na literatura, seria um tipo de “ideologia de segundo grau” (Schwarz, 2000, p. 47). Enquanto nos países desenvolvidos se criam ideologias como um conjunto de discursos para encobrir, convencer e disfarçar um problema da realidade, nos países subdesenvolvidos há uma tentativa de copiar essas ideologias, e não de criá-las. Há uma importação dessas ideologias de primeiro mundo que não se adéquam à realidade do país subdesenvolvido, mas que as classes de maior poder político e econômico convencionam fingir que funcionam socialmente.

Portanto, embora Alencar tente trazer discussões sociais relevantes e busque explorar conflitos de determinados grupos sociais, a sua abordagem é tratada pela ótica conservadora e, nessa tentativa de conciliar interesses conflitantes, ele reproduz e reforça as ideologias dominantes importadas da Europa, mesmo quando não se adaptam bem à realidade brasileira (por exemplo, a representação de conflitos burgueses e das ideologias liberais como base para a ficcionalização da sociedade escravocrata brasileira). Desse modo, ao abordar por meio do discurso ficcional essas questões sociais, Alencar as reduz estruturalmente² a uma perspectiva individualista e moralizante que reflete os interesses da elite brasileira do século XIX e a manutenção das estruturas sociais e de poder. Eis a ideologia de segundo grau exposta na contradição da obra de Alencar: tratar, na literatura, as tensões sociais para, ao mesmo tempo, legitimá-las.

Nos primeiros romances de Machado de Assis, por exemplo, encontramos uma expectativa de que a classe burguesa cuidaria e zelaria por aqueles que dependiam dela (*A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia*), sendo essa a classe responsável pela manutenção das estruturas sociais de poder. Porém, nas obras mais maduras do autor, inclusive em seus contos, muda-se essa perspectiva e salienta-se que, na verdade, a situação dos homens livres e pobres estava totalmente dependente dos obséquios da classe dominante. Afinal, essas novas dinâmicas sociais e de classes que surgiram no Brasil, a partir do século XIX, constituíram, de certa forma, uma reconfiguração das relações senhor-escravo

² A “redução estrutural” é o veio condutor das análises dos primeiros ensaios presentes em *O discurso e a cidade*, de Antonio Candido. No prefácio do livro, ele diz: “os ensaios da primeira parte desse livro tentam analisar alguns casos do que chamei ‘redução estrutural’, isto é, o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (Candido, 1993, p. 9).

presentes no sistema escravocrata. Esse é um dos grandes méritos de Machado de Assis: apropriar-se tanto do gênero quanto das condições históricas em que estava situado, fazendo o deslocamento formal necessário para que o romance encontrasse a sintonia entre a forma e o discurso vinculado, como a questão das convenções sociais e das relações de favor (Schwarz, 2000, p. 36).

Percebemos a transição dessa forma de pensar do autor em seu ensaio *Instinto de nacionalidade*, de 1873, oito anos antes de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance que normalmente é visto como marco de sua maturidade como escritor. Naquele texto, Machado traz uma proposta de equilibrar a cor local com os aspectos universais da literatura enquanto faz uma crítica tanto ao eurocentrismo quanto ao regionalismo telúrico, pois faltava ao público-leitor, inclusive à crítica especializada, uma análise mais madura da literatura e da relação dela com os ideais políticos e sociais. Ao mesmo tempo em que fala da importância de uma identidade e literatura nacionais, ele mostra que essa construção não deve ser separada dos temas humanos-universais e defende que o bom escritor não é aquele que faz de sua nacionalidade uma bandeira e que se limita ao elemento regional, mas é aquele que se torna homem de seu tempo e de seu país, ainda que trate de temas remotos no tempo e no espaço (Assis, 2023, p. 61-62). Assim, renega os impulsos nacionalistas mais simples de cópia ou rejeição da cultura europeia, optando por uma dinâmica mais profunda entre a cultura local e as influências artísticas e ideológicas externas.

Machado de Assis sintetiza bem essas duas tendências em suas obras mais maduras e, por isso, notamos que, por mais que ele traga situações e personagens tipicamente brasileiras e cariocas, ele retrata pessoas com vícios e fraquezas humano-universais. Ele também pontua que poucas foram as tentativas de escrita de contos, principalmente porque esse gênero trazia uma aparente facilidade que distanciou os escritores desse formato e os fizeram preferir o romance, em especial, por ser a forma importada dos moldes europeus. É Machado de Assis quem será um dos primeiros a desenvolver o conto no Brasil e, apesar de ele ser mais conhecido pelos seus romances, é no terreno dos contos que ele rompe com a aparente simplicidade do gênero e o eleva a um patamar mais alto na literatura nacional, trabalhando temas complexos na dimensão humana e local.

Nesse sentido, é possível inserir Machado de Assis em uma tradição realista do conto que não está limitada ao Brasil e traçar paralelos entre sua produção e a de outros autores relevantes. Dentre os ficcionistas que produziram uma literatura realista, destacamos o francês Guy de Maupassant. Segundo Neves, a ele é atribuída a originalidade de “fundar suas narrativas sobre acontecimentos cotidianos, aparentemente sem importância” (Neves, 2007, p. 49). Além disso, apesar de Maupassant trazer o aspecto regionalista da França de sua época, assim como Machado de Assis traz o elemento local brasileiro, suas narrativas não tratam apenas de questões de seu tempo e sociedade, mas da natureza humana (Lima, 2017), captando elementos humano-universais que garantiram a inserção de seus contos no cânone da tradição realista.

Ambos os escritores foram contemporâneos e influentes, durante o século XIX, especialmente Maupassant, já que a França era o polo cultural da época. Ele ficou conhecido simultaneamente por seus contos realistas e fantásticos que o fizeram ganhar o status de contista francês mais representativo do século XIX.

Machado, por sua vez, figura como um dos pioneiros do conto no Brasil e ainda é considerado como um dos maiores contistas da história literária do país. Machado e Maupassant retrataram a condição humana e trouxeram, em seus contos, pistas sobre as preocupações literárias de ambos os autores. Um exemplo disso acontece na relação entre “O caso da vara”, de Machado de Assis, e “Bola de Sebo”, de Guy de Maupassant, em que os escritores, cada um à sua maneira, identificam um elemento comum: um discurso cínico e contraditório presente na sociedade que se estabelece através das classes dominantes (sociedade burguesa em Maupassant e escravocrata em Machado) em relação às classes subalternizadas.

“O caso da vara” foi publicado em 1891, na Gazeta de Notícias, e republicado em 1899, na coletânea intitulada *Páginas recolhidas*. Apesar de ser publicado após a abolição da escravatura com a Lei Áurea de 1888, é interessante notarmos que o conto se passa antes de 1850, quando não só a escravidão era aceita por lei, como também a importação de escravos ainda era permitida legalmente. O conto inicia com o dilema do jovem Damião, que, ao fugir do seminário, vê sua liberdade reduzida pela autoridade do pai: “Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano; foi antes de 1850” (Assis, 2019, p. 275). O narrador do conto não nos diz o ano preciso dos acontecimentos, alegando esquecimento, mas lembra o mês, o dia da semana e até a hora em que a fuga da personagem acontece. Ao nos dizer apenas que os fatos se passam antes do ano de 1850, ele traz o foco para o acontecimento histórico da época, pois foi apenas nesse ano que houve uma das primeiras medidas constitucionais no combate à escravidão com a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, que proibia o mercado de importação de escravos. Já a segunda frase personaliza o narrador, que passa a ser concebido como uma voz ativa dentro do conto e cujos enunciados são produto de sua memória (e, conseqüentemente, interpretação) dos eventos.

Damião busca auxílio de uma mulher, chamada Sinhá Rita, para protegê-lo e tentar mudar o destino indesejado que é o de se tornar padre por obrigatoriedade de seu pai. Sinhá Rita era uma viúva amiga do padrinho do rapaz, “tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, *brava como diabo*” (Assis, 2019, p. 276, grifo nosso) e vivia de ensinar a fazer renda, crivo e bordado. Inicialmente, Sinhá Rita se recusa a se envolver em questões tão íntimas, até que cede aos pedidos do moço. O que leva a viúva a tomar partido pelo rapaz não é a piedade que sente por ele, mas por ter seu orgulho ferido quando o jovem diz que o padrinho dele é ainda pior que seu pai e que a ninguém atende:

Sinhá Rita, *lisonjeada com as súplicas do moço*, [...] hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe por que não ia ter com o padrinho.

— Meu padrinho? [...] duvido que atenda a ninguém...

— Não atende? interrompeu Sinhá Rita *ferida em seus brios*. Ora, eu lhe mostro se atende ou não... (Assis, 2019, p. 276, grifo nosso).

Ela pede a um menino que leve um recado até João Carneiro, padrinho de Damião, chamando-o até sua casa, pois precisava falar com ele. Enquanto esperam o padrinho do rapaz, Sinhá Rita tenta animá-lo e, depois de um tempo, eles começam a conversar e contar anedotas. Ao mesmo tempo em que essa situação se

desenrola, um grupo de jovens criadas estavam sentadas em volta da sala rendando, cada uma, sua almofada. Uma das histórias contadas por Damião faz rir uma das criadas da casa, que “esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço” (Assis, 2019, p. 277). A viúva pega uma vara que estava próxima e ameaça a criança:

A pequena *abaixou a cabeça, aparando o golpe*, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia *receberia o castigo do costume*. Damião olhou para a *pequena*; era uma *negrinha, magricela, um frangalho de nada*, com uma *cicatriz na testa* e uma *queimadura na mão esquerda*. Contava onze anos. Damião reparou que *tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la*, se não acabasse a tarefa. (Assis, 2019, p. 277, grifo nosso).

Nesse trecho, a descrição de Lucrecia mostra a sua fragilidade naquele contexto, e seu comportamento de abaixar a cabeça e esperar um golpe nos indica que as agressões à garota eram constantes. Essa suposição é confirmada, logo em seguida, quando o narrador diz que ela *receberia o castigo de costume*, caso não terminasse o serviço. O *tossir para dentro*, a fim de não atrapalhar a conversa de sua senhora, nos mostra que, mesmo com apenas 11 anos, Lucrecia já anula a própria existência para que ela não interfira em uma ordem social pré-estabelecida. Além desses aspectos, percebemos que foi o simples ato de rir que fez a menina ser ameaçada, já que se permitir momentos de riso ou pausa seria como compartilhar desses momentos com seus senhores e isso feriria uma ordem social pré-estabelecida. É relevante pontuarmos também que, ao mesmo tempo em que o narrador nos descreve Lucrecia, temos, de maneira implícita, outra descrição de Sinhá Rita que nos serve de pista sobre a personalidade da mulher e o tratamento que ela dava às *crias* da casa.

Ainda assim, nesse momento, Lucrecia não é invisível a Damião, que pensa em apadrinhar a criança. Para ele, o apadrinhamento lhe parece a solução para os problemas que Lucrecia poderia enfrentar com Sinhá Rita, caso não terminasse a tarefa. Essa resolução aparece para a personagem porque está diretamente ligada às relações de compadrio que foram muito características na formação da sociedade brasileira. Afinal, o próprio Damião possui João Carneiro como padrinho e assume Sinhá Rita como uma madrinha postiça para interceder por sua situação. O apadrinhamento, originado a partir da ideia de parentesco espiritual proveniente do batismo na igreja, passou a consistir em uma aliança social em que parentela senhorial poderia fornecer benefícios como proteção social enquanto as classes subalternizadas (escravos e homens pobres e livres) concederiam sua fidelidade (Cardoso, 2009). Esse costume fomentou uma política de favores que fizeram com que as relações de compadrio ultrapassassem o sentido religioso e envolvessem aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e ideológicos.

Por essa razão, Cardoso (2009) afirma que o compadrio foi um dos elementos responsáveis pela manutenção da escravidão no Brasil por mais de três séculos. Assim, a relação de apadrinhamento reforça um caráter de dominação, mesmo com a aparente ideia de parentesco espiritual, pois os menos favorecidos

buscavam inserção nas famílias senhoriais como uma maneira de conseguir obséquios, enquanto os padrinhos mantinham seu status social com a manutenção do poder através da fidelidade daqueles que se encontravam sob sua tutela (Cardoso, 2009). Nesse viés, a decisão de Damião o leva a uma posição muito diferente da que ocupa, pois ele, mesmo dependente dos favores de seu padrinho e da influência da viúva, se reconhece como possível padrinho de quem se encontra em uma situação vulnerável.

Em seguida, João Carneiro chega à casa da mulher e, por insistência de Sinhá Rita, vai ter com o pai do rapaz para tentar convencê-lo de voltar atrás na resolução de levar o rapaz para o seminário. Depois de muito esperarem, um escravo do padrinho aparece com uma carta direcionada à Sinhá Rita em que João Carneiro escreve que foi difícil tentar convencer o pai do rapaz a pensar com calma no assunto. O padrinho não tinha a causa por ganha, mas iria tentar mais uma vez no dia seguinte. A senhora, ao ler a carta com Damião, responde: “Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos”, e acalma o rapaz afirmando que “sossegasse, que aquele negócio era agora dela” (Assis, 2019, p. 280). A determinação da viúva em resolver o problema se torna uma batalha pessoal e é essa a única e última esperança a que Damião se apegava para tentar escapar do seminário.

É importante ressaltar que alguns momentos do conto sugerem que a relação entre Sinhá Rita e João Carneiro pode ser bem mais do que uma amizade, o que explicaria o motivo de seu ego ser atingido quando Damião diz que o padrinho não atende a ninguém. Essa suspeita também aparece em momentos como: 1) quando o narrador nos diz que “Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas ideias vagas dessa situação e tratou de a aproveitar” (Assis, 2019, p. 275); 2) na situação em que a viúva ordena que padrinho do rapaz venha à sua casa e “para *mascarar* a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o sr. João Carneiro fora amigo do marido” (Assis, 2019, p. 277, grifo nosso); 3) no momento em que o narrador nos revela que ela possuía, em sua casa, um rodaque (casaca masculina) como uma “lembrança ou esquecimento de João Carneiro” (Assis, 2019, p. 280); e 4) no teor do bilhete que ela lhe envia com o tratamento carinhoso “Joãozinho” e a ameaça deles nunca mais se verem, caso ele não resolvesse o problema. Note-se como o discurso do narrador, em relação a esse aspecto, é insinuativo: Sinhá Rita ser *viúva* e *querida* de João Carneiro é uma indefinida *situação* passível de ser aproveitada (sem que o narrador diga claramente se a *situação* é ser viúva ou ser querida de alguém e que tipo de proveito se pode tirar disso), enquanto atribui a Damião apenas *ideias vagas* sobre a situação; a menção ao rodaque é acompanhada da sugestão dúbia de ser *lembrança ou esquecimento*; quando Sinhá Rita explica a Damião que Sr. João Carneiro fora amigo do marido, é o narrador quem atribui um motivo para a explicação, o de *mascarar* algo. Ou seja: o narrador participa do jogo social de saber que há uma situação a ser mascarada, mas que só pode ser aludida por meio de expressões dúbias, o que mantém toda a atividade de Damião como algo que está entre um pedido de favor e uma chantagem. Sabemos, assim, que nem o narrador, nem Damião são ingênuos, mas que compreendem que a ordem do favor depende de um discurso próprio, insinuativo (que provoca sem denunciar), e de alguma vantagem obtida sobre a pessoa que pode conceder algo.

Com o avançar da noite e o caso ainda não resolvido, a viúva decide examinar os trabalhos das criadas e analisar se todas já haviam concluído a tarefa. Porém, Lucrecia ainda não tinha terminado o trabalho, o que deixa Sinhá Rita extremamente furiosa. Ela agarra a pobre menina pela orelha que, esforçadamente, consegue se soltar das mãos da senhora e fugir pela casa.

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdoe! tossia a negrinha.

— Não perdoo, não. Onde está a vara?

[...] A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor? (Assis, 2019, p. 281).

Quando a viúva pede a vara ao rapaz, Damião fica frio e tem um momento breve de indecisão. Lucrecia grita e pede a ele, por tudo que há de mais sagrado, “pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...” (Assis, 2019, p. 281), que ele a acuda. O jovem lembra que tinha resolvido apadrinhar a criança, mas “Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse” (Assis, 2019, p. 281, grifo nosso). A mudança da mulher chega a ser surpreendente: não é apenas uma mudança do estado emocional, mas também do estado físico e, apesar de o narrador nos ter antecipado que ela poderia ser mais *brava que o diabo*, ainda assim, ela se transfigura de uma bela viúva, *amiga de rir* e alegre, em uma mulher assustadoramente agressiva e colérica. Por outro lado, a tosse de Lucrecia, que antes era para dentro, agora não pode mais ser contida: a violência, antes abafada e implícita a fim de manter a imagem civilizada, é exteriorizada, explode em um acesso.

Nesse momento, o seminarista entra em conflito: sua resposta à viúva é decidir entre a sua vida e a de Lucrecia. “Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário!”, e assim “chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita” (Assis, 2019, p. 281, grifo nosso). O seminarista reconhece as sinuosidades das relações de favor: não convém a Damião contrariar os mandos e desmandos de sua protetora. Assim, o apadrinhamento de Lucrecia é facilmente consumido diante da conveniência de não desagradar a Sinhá Rita. Dessa maneira, desde o começo do conto, todo o enredo se desenvolve a partir de conflitos de interesses: Damião quer fugir do seminário e a viúva quer provar seu domínio e poder sobre João Carneiro. Nisso, percebemos também os interesses do padrinho que, em um dado momento, deseja a morte do próprio afilhado como uma solução para o problema do embate entre desagradar o compadre ou a Sinhá Rita: “Ah! se o rapaz caísse ali, de repente, apoplético, morto! Era uma solução — *cruel, é certo, mas definitiva*” (Assis, 2019, p. 278, grifo nosso).

O comportamento de Damião, no final das contas, prova que ele, de fato, não era apto para o seminário, pois o que prevalece nele não é a abnegação que, em tese, seria necessária a um sacerdote, mas seu egoísmo, capaz de ir contra suas próprias resoluções, desde que ele mesmo se beneficie. Afinal, em uma sociedade escravocrata e paternalista, Lucrecia, uma criança e negra, sequer seria considerada digna de auxílio e, além do mais, Damião *precisava tanto sair do*

seminário e, para isso, deveria tomar uma solução definitiva e tomou. Uma solução *cruel, é certo, mas definitiva*.

Machado traz o assunto da escravidão de maneira discreta, quase como um pano de fundo que se mantém por meio da sombra das criadas e, especialmente, de Lucrecia. O narrador não assume uma opinião de maneira explícita e nem diz, ao final do conto, que o que Damião fez foi errado, covarde e/ou egoísta (lembramos que o seu discurso tende a ser insinuativo, e não de denúncia, e que se mantém dentro do jogo social brasileiro). Entretanto, ao mesmo tempo, é interessante como ele não deixa de revelar um discurso cínico e contraditório da sociedade do século XIX com um desmascaramento de seus costumes e comportamentos. Talvez seja na aparente neutralidade com que o narrador se posiciona sobre o episódio doméstico contado que ele assume a sua opinião de maneira implícita, pois são nas pequenas trivialidades da vida íntima da sociedade que se revelam as verdadeiras leis da convivência humana e da conveniência.

Isso acontece a partir de um microsistema de poder criado pelo narrador, em que temos um conflito de forças em que todos são movidos por vontades, favores e caprichos. A única que entra nessa teia de relações, mas não exerce força ou influência sobre alguém é Lucrecia, e, após sua entrada na história, avaliamos esse microsistema social por uma perspectiva que, cotidianamente, era invisibilizada e negada – lembramos, simbolicamente, como a tosse *para dentro* torna-se *um acesso* no último parágrafo. Por isso, o narrador consegue ampliar sua análise quando, ao final do conto, o núcleo narrativo é deslocado de Damião para Lucrecia, a ponto de a narração ser finalizada sem concluir se o jovem conseguiu ou não a aprovação de seu pai para sair do seminário. A condição final de Lucrecia é um eco da condição inicial de Damião, dessa vez, sem padrinhos, já que o apadrinhamento do seminarista permanece como uma necessidade, enquanto o da menina foi facilmente descartável.

De maneira semelhante, em um contexto social e geográfico diferente, esse elemento é identificado por Guy de Maupassant em seu conto “Bola de Sebo” [*Boule de Suif*], publicado em 1880. A história tem como pano de fundo a Guerra Franco-Prussiana, que aconteceu entre 1870 e 1871, um conflito entre a França e o Reino da Prússia em que os prussianos saíram vitoriosos e, por essa razão, conseguiram unificar o território que hoje corresponde à Alemanha. No início do conto, a população de Rouen, uma cidade localizada na antiga região da Normandia, no noroeste da França, está em pânico porque os prussianos se preparavam para invadir o lugar. Nesse contexto, um grupo de dez viajantes se reúne para embarcar em uma carruagem rumo a Dieppe e tentar fugir da invasão: o casal Loiseau, o casal Bréville, o casal Carré-Lamadon, duas freiras que não têm seus nomes citados e duas personagens que são apresentadas separadamente por se desviarem da ordem moral: Bola de sebo, uma prostituta, e Cornudet, um democrata.

O sr. e sra. Loiseau são burgueses que fizeram fortuna com a venda de vinhos baratos e ruins, mas, apesar de ricos, não possuem a educação da alta sociedade burguesa e, por vezes, agem de maneira deselegante, grosseira e vulgar. Em seguida, somos apresentados ao sr. e sra. Carré-Lamadon, um casal burguês que, diferentemente do anterior, representa a alta sociedade burguesa da Normandia com extrema etiqueta e elegância, um casal que valoriza a moral e os

bons costumes. Há também o conde e a condessa Hubert de Bréville que são um casal que representa a nobreza e a aristocracia com um dos sobrenomes mais antigos e nobres da Normandia. Essas seis pessoas representavam “o lado da sociedade endinheirada, serena e forte, gente honesta, com autoridade, que tem Religião e Princípios” (Maupassant, 2009, p. 41)³. É interessante notarmos que, “no conto de Maupassant, os elogios comumente funcionam como ironia instrumental aos personagens, muitas vezes vindos do próprio narrador” (Lima; Tabak, 2015 p. 148); assim, devemos assumir que a relação paralela entre os epítetos *endinheirada/serena/forte* e *honesto/com autoridade/que tem Religião e Princípios* não deve ser tomada *prima facie*, mas com alguma desconfiança, com a possibilidade de uma entonação irônica.

Ainda temos a dupla de freiras composta por uma senhora e uma moça que, durante todo o percurso da viagem, rezam seus rosários, em silêncio e de cabeça baixa, com uma “fé devastadora que faz os mártires e os iluminados” (Maupassant, 2009, p. 41). Cornudet, outra personagem, é um jovem rapaz político e ambicioso que representa os democratas e é tido como o terror dos cidadãos de bem, já que possui ideais revolucionários. Por fim, temos Bola de Sebo, uma mulher que representa a classe subalternizada das prostitutas. Ela é descrita como:

Pequena, toda rechonchuda, gorducha mesmo, com dedos inchados e estrangulados nas falanges, semelhantes a réstias de salsichas curtas, com uma pele luzente e esticada, um pescoço enorme que transbordava o vestido, ela continuava, no entanto, apetitosa e solicitada, de tanto que seu frescor dava prazer à vista. Seu rosto era uma maçã vermelha, um botão de peônia prestes a florescer, e ali se abriam, em cima, uns olhos negros magníficos, cobertos por grandes cílios espessos que os mergulhavam na sombra; embaixo, uma boca encantadora, estreita, úmida para o beijo, recheada com dentinhos brilhantes e microscópicos. Além disso, ela era, diziam, cheia de qualidades inestimáveis. (Maupassant, 2009, p. 42).

Ressaltamos que a sua caracterização física feita por meio de um vocabulário relacionado à comida e a “ausência de maiores dados psicológicos parecem referir-se ao ofício da personagem, como se existisse para ser consumida, degustada como um alimento” (Lima; Tabak, 2015, p. 150) – termos como “réstias de salsichas curtas” [*chapelets de courtes saucisses*], “apetitosa” [*appétissante*] e “maçã vermelha” [*pomme rouge*] (entretanto, o termo “recheada”, próprio da tradução consultada, se refere ao francês *meublée*, “mobiada”, que também desumaniza a personagem e a trata como uma propriedade). Enquanto isso, dentro do carro, as mulheres casadas ignoravam Bola de Sebo e comentavam ao seu respeito entre sussurros, mas sem interesse em disfarçar seu nojo. Os homens, por sua vez, “unidos por um instinto conservador em face de Cornudet, falavam de

³ Na edição francesa: “Ces six personnes formaient le fond de la voiture, le côté de la société rentée, sereine et forte, des honnêtes gens autorisés qui ont de la Religion et des Principes” (Maupassant, 2004). Demos preferência, no decorrer do artigo, ao uso da tradução, recorrendo à edição francesa apenas caso haja discrepância em relação ao original ou seja necessário enfatizar algum termo utilizado em francês.

dinheiro com certo tom de desdém pelos pobres” (Maupassant, 2009, p. 42). Com o decorrer do percurso, os viajantes começam a sentir os primeiros sintomas da fome, mas nenhum deles se preparou com suprimentos para um percurso tão longo, exceto Bola de Sebo, que levava um cesto cheio de comida. Após Loiseau elogiá-la por seu preparo, ela oferece comida não só a ele, mas a todos que estavam no carro. A comitiva aceita e, a partir desse momento, há uma mudança de comportamento em relação à prostituta, já que “não se podia comer as provisões daquela moça sem lhe dirigir a palavra” (Maupassant, 2009, p. 46).

Nisso, os viajantes travam com Bola de Sebo um diálogo inicial sobre a guerra, uma oportunidade em que ela demonstra seu fervor patriótico pela França, sua defesa ao bonapartismo e o seu ódio pelos prussianos. Assim, “ela crescia na estima de seus companheiros” (Maupassant, 2009, p. 46), que passavam a vê-la com mais dignidade; afinal, os sentimentos políticos de Bola de Sebo eram tão similares aos seus. Nesse momento, as circunstâncias e interesses fazem com que os presentes na carruagem mudem de maneira drástica o seu comportamento com a prostituta, passando do total desprezo para uma certa cordialidade.

Ao chegarem à primeira parada, na cidade Tôtes e darem entrada no hotel, o dono do albergue, chamado sr. Follenvie, se dirige à Bola de Sebo, e é apenas nesse momento que, por meio de um discurso direto, somos apresentados ao seu nome: Élisabeth Rousset, pois até o próprio narrador, durante todo o conto, vinha se referindo a ela por meio de seu apelido. O narrador, enquanto um elemento extradiegético, enfatiza o desprezo com o qual Élisabeth é vista através da ótica moralista da sociedade na qual está inserida. Ele contribui, portanto, para o não reconhecimento dela enquanto um ser humano completo, já que esse recurso funciona como um mecanismo de desumanização da personagem, pois a reduz a uma única característica física e, por extensão, à sua profissão. Não obstante, essa desumanização também acontece por parte das demais personagens que a circundam porque, em nenhum momento, elas se referem à prostituta por meio de seu nome ou sobrenome, como era de costume.

Nessa situação, Follenvie diz que o oficial prussiano que estava hospedado no lugar desejava falar com ela imediatamente, mas Bola de Sebo se recusa. Os demais participantes da diligência ficam alvoroçados pela negativa da moça e o conde de Bréville, com medo do que a recusa de Bola de Sebo poderia causar, tenta convencê-la a conversar com o oficial. As personagens iniciam um tratamento ainda mais amistoso com a moça e todo tipo de argumento é usado para que ela não se recuse a falar com o homem, com especial ênfase para a empatia e um sentimento comunitário (“sua recusa pode trazer dificuldades consideráveis, não somente para a senhora mas inclusive para todos os seus acompanhantes”) e para as relações de poder (“Não se deve jamais resistir às pessoas que são mais fortes”) (Maupassant, 2009, p. 49). Se, à primeira vista, a expressão “pessoas que são mais fortes” [*gens qui sont les plus forts*] parece se referir exclusivamente ao oficial prussiano, lembremos que o mesmo epíteto de “forte” fora usado pelo narrador, no início do conto, para definir o próprio grupo que está em viagem (“*le côté de la société rentée, sereine et forte*”). A prostituta é convencida, dirige-se à sala do oficial e, quando volta da breve reunião, está alvoroçada e com raiva, mas não diz o conteúdo da conversa aos seus companheiros.

No outro dia, após estarem descansados e reabastecidos, a diligência se prepara para prosseguir com a viagem, mas descobrem que o comandante prussiano os havia proibido de partir. O sr. Follenvie, o dono do albergue, vai novamente até a cortesã e pergunta se ela havia mudado de ideia. Contudo, em um acesso de fúria, Bola de Sebo ordena a Follenvie que dissesse ao prussiano que ela nunca iria querer. Inicia-se uma suspeita sobre qual teria sido a oferta do oficial à mulher, e, depois de muito resistir, Bola de Sebo conta exasperadamente que o prussiano queria “dormir” [*coucher*] com ela, mas “ninguém se escandalizou com a palavra, tão viva foi a indignação” (Maupassant, 2009, p. 56), ficando ao lado dela em sua decisão de não aceitar a proposta. Todavia, no dia seguinte, os companheiros de viagem de Bola de Sebo passam a agir friamente com ela, pois achavam que ela não teria razão alguma para se negar a deitar com um homem, já que esse era o seu serviço: “Loiseau, que entendia da situação, perguntou de súbito se aquela *vagabunda* [*garce-là*] ia *obrigá-los* a ficar ainda por muito tempo num lugar como aquele” (Maupassant, 2009, p. 58, grifo nosso)⁴.

É interessante notar que, anteriormente, quando Bola de Sebo fala para os companheiros de viagem sobre a oferta do oficial prussiano, notamos uma preocupação do narrador em esclarecer que os integrantes da diligência *não se escandalizaram* com a forma como a prostituta fala a palavra “*coucher*”, em referência a sexo, porque estavam indignados demais com a oferta do comandante, mas, em seguida, não há a mesma preocupação linguística quando Loiseau a xinga explicitamente. Há uma certa noção de decoro, em especial, um decoro linguístico que se faz presente, mas que não necessariamente condiz com a conduta das personagens burguesas e aristocratas. Acerca disso, Roubine (2013) menciona como o decoro é importante na literatura francesa, incluindo o decoro com a linguagem. Ele explora a ideia de que “o decoro afirma uma ‘natureza’ aristocrática que legitima pelo ‘curso das coisas’ a organização da sociedade, sua hierarquia [...]” (Roubine, 2013, p. 52). Assim, o conceito de decoro, fortemente associado à moral de uma determinada sociedade e época, seria algo característico daqueles que pertenciam às classes mais altas e seria utilizado como uma maneira de reforçar uma visão aristocrática da sociedade, no qual algumas classes seriam naturalmente superiores e, portanto, merecedoras de posição e privilégios. Porém, no conto, o narrador faz uso do decoro de maneira irônica, como um instrumento que evidencia a hipocrisia da burguesia e da aristocracia francesa, pois não seria possível que “um personagem que pertence a essa humanidade ‘superior’ se veja provido de um comportamento singular, inadequado [...]” (Roubine, 2013, p. 52). Assim, não seria mais possível dar-lhe creditação, pois suas normas não seriam condizentes com o decoro exigido de sua classe / posição. Por meio desse recurso, o narrador evidencia a ironia: a classe que se escandalizaria com uma mulher falando a palavra *dormir* [*coucher*] em relação ao sexo é a mesma que a chama de *vagabunda* [*garce-là*] por sua recusa.

Na primeira ocasião que a diligência tem de se reunir sem a presença de Bola de Sebo, Loiseau sugere que o alemão fique com ela e deixe os demais partirem, e apesar de ser uma ideia perversa, ela é tratada naturalmente por todos. Até que:

⁴ “Loiseau, qui comprenait la situation, demanda tout à coup si cette «garce-là» allait les faire rester longtemps encore dans un pareil endroit” (Maupassant, 2004).

Então o caráter chulo da Sra. Loiseau explodiu: “Mas não vamos morrer de velhice aqui. Já que é a profissão dela, dessa rameira, de fazer isso com todos os homens, então acho que ela tem o direito de recusar um e não recusar outro. Pensem um pouco, essa aí pegou tudo o que encontrou em Rouen, até os cocheiros! Sim, senhora, o cocheiro da prefeitura! Seu muito bem, ele compra o vinhozinho dela lá na loja. E agora, que se trata de nos livrar de uma boa, ela se faz de presumida, essa lambisgoia!... Acho que ele faz muito bem, esse oficial. Anda privado talvez há muito tempo; e sem dúvida que ele teria preferido a nós três. Mas não, ele se contenta com aquela que é de todo mundo. Respeita as mulheres casadas. Pensem bem, é ele o chefe. Bastava dizer: ‘Eu quero’, e podia nos pegar à força com seus soldados”. (Maupassant, 2009, p. 59)⁵.

O grupo formado por Loiseau, Carré-Lamadon, Bréville e suas esposas veem Bola de Sebo apenas como um mero objeto, sem vontade própria ou direitos. Mesmo que ela tenha compartilhado de suas provisões, durante a viagem, e de seus ideais, Bola de Sebo ainda era uma prostituta, pertence a uma classe subalternizada, uma mulher que sempre seria reconhecida por esse fator, independentemente de qualquer outra circunstância. Além disso, as demais mulheres não conseguem acreditar na possibilidade de o oficial se interessar e sentir desejo por Bola de Sebo. Dentre todas as boas mulheres da diligência, “a prostituta, com poucos atrativos físicos, repugnante aos olhos do indivíduo comum e dos companheiros de viagem [...] é a escolhida do oficial prussiano, a única salvação, a chance de liberdade” (Lima; Tabak, 2015, p. 150).

Enquanto tudo isso acontecia, Bola de Sebo estava na igreja assistindo a um batizado. Nisso, mais uma característica inusitada da prostituta aparece: a sua fé genuína. Ao chegar da igreja, o comportamento da comitiva muda mais uma vez, já que tramavam em convencê-la a deitar-se com o comandante. Assim, “até a hora do almoço as senhoras se contentaram em ser amáveis com ela, para aumentar a confiança e a receptividade a seus conselhos” (Maupassant, 2009, p. 60). Primeiramente, falam sobre a beleza da abnegação, citam diversos exemplos que envolviam o poder da sedução feminina e o ato sacrificial de entrega do corpo. Esses argumentos iniciam após eles saberem que Bola de Sebo estava na igreja, portanto há um aproveitamento das atitudes religiosas da personagem.

⁵ Na edição francesa, tal abandono do decoro é tratado como um “tempérament populacier”: “Alors le tempérament populacier de Mme Loiseau éclata:—« Nous n'allons pourtant pas mourir de vieillesse ici. Puisque c'est son métier, à cette gueuse, de faire ça avec tous les hommes, je trouve qu'elle n'a pas le droit de refuser l'un plutôt que l'autre. Je vous demande un peu, ça a pris tout ce qu'elle a trouvé dans Rouen, même des cochers! oui, madame, le cocher de la préfecture! Je le sais bien, moi, il achète son vin à la maison. Et aujourd'hui qu'il s'agit de nous tirer d'embaras, elle fait la mijaurée, cette morveuse!... Moi, je trouve qu'il se conduit très bien, cet officier. Il est peut-être privé depuis longtemps; et nous étions là trois qu'il aurait sans doute préférées. Mais non, il se contente de celle à tout le monde. Il respecte les femmes mariées. Songez donc, il est le maître. Il n'avait qu'à dire: «Je veux», et il pouvait nous prendre de force avec ses soldats.»” (Maupassant, 2004).

Na hora do jantar, a condessa, sentindo a necessidade de trazer mais autoridade à argumentação, interroga a mais velha das freiras sobre as grandes ações feitas pelos santos da Igreja. A freira responde que “muitos tinham cometido atos que a nossos olhos seriam crimes, mas a igreja absolve facilmente essas faltas quando cometidas para a glória de Deus ou para o bem do próximo” (Maupassant, 2009, p. 61). Esse foi o argumento que a condessa tratou de usar e:

Então, ou por um desses acordos tácitos, dessas complacências veladas em que sobressai aquele que veste um hábito eclesiástico, ou simplesmente pelo efeito de uma feliz falta de inteligência, de uma providencial besteira, a velha religiosa trouxe à conspiração um formidável apoio. Julgavam-na tímida, ela se mostrou audaciosa, verborrágica e violenta. [...] sua doutrina parecia uma barra de ferro; sua fé não vacilava nunca; sua consciência, sem escrúpulos. (Maupassant, 2009, p. 61-62).

O poder do discurso religioso aparece por meio da freira mais velha que, até então, tinha permanecido quase invisível. A mulher que deveria ser uma representante da fé age de modo tão perverso quanto os demais e reinterpreta as escrituras ao seu favor e benefício. Assim, ela permanece “deslindando as vontades de Deus, prevendo suas decisões, fazendo-o se interessar em coisas que, na verdade, não lhe diziam muito respeito” (Maupassant, 2009, p. 62). O discurso religioso da freira abre brechas na resistência da prostituta e, sobrecarregada com investidas religiosas e políticas, ela começa a acreditar que talvez ceder aos desejos do comandante seja um sacrifício que ela tenha que fazer por um bem maior (Lima; Tabak, 2015). A decisão de Bola de Sebo de se deitar com o oficial prussiano para que o grupo possa prosseguir na sua jornada significa mais que um simples ato sexual, pois envolve a decisão dela de comprometer seus próprios princípios e se submeter a uma situação que ela mesma julgava como deplorável. Chegada a hora do jantar, a diligência descobre que Bola de Sebo não estaria presente porque se encontraria com oficial.

Todos ficam extremamente aliviados e uma alegria inunda os viajantes. Loiseau, com sua vulgaridade, passa a noite fazendo brincadeiras fingindo “interpelar alguém no andar de cima, dando conselhos de duplo sentido saídos de seu espírito de caixeiro-viajante” (Maupassant, 2009, p. 64). O narrador comenta que:

Embora aquelas piadas fossem de um gosto deplorável, elas divertiam e não feriam ninguém, pois *a indignação, como o resto, depende do ambiente*, e a atmosfera que pouco a pouco se criara em torno deles estava carregada de pensamentos indecentes. (Maupassant, 2009, p. 64, grifo nosso).

Diferentemente de outras situações em que os casais Carré-Lamadon e Hubert de Bréville sentiam aversão aos comentários repugnantes dos Loiseau, dessa vez, todos se engajam e riem das piadas do comerciante. Isso se dá porque o motivo da troça era Bola de Sebo e a indignação deles, como nos aponta o narrador, era extremamente seletiva. O narrador esclarece que até as freiras

compactuaram do momento e “a pedido das senhoras consentiram em molhar os lábios naquele vinho espumante que jamais haviam experimentado” (Maupassant, 2009, p. 64), momento que nos “revela a corrupção entranhada nos membros da Igreja Católica e sua ideologia sempre a serviço das classes dominantes” (Lima; Tabak, 2015, p. 157). O único que se posiciona contra a ação da comitiva é o democrata Cornudet, afirmando que o que fora feito era uma infâmia.

No outro dia, de manhã cedo, Bola de Sebo percebe que seus colegas a evitavam e se mantinham longe, “como se ela carregasse uma infecção sob a saia” (Maupassant, 2009, p. 66). Depois de algumas horas, chegados os primeiros sintomas da fome, cada um dos integrantes busca os alimentos que tinham organizado para a viagem, entretanto Bola de Sebo fora a única que não tinha se preparado por conta dos acontecimentos da noite anterior com o prussiano. Há uma ressonância do início do conto, o que deixa a ironia do narrador e a hipocrisia das personagens ainda mais perceptível e cruel. Ela se sentia “afogada no desprezo daqueles polidos tratantes que a tinham sacrificado primeiro e a rejeitado em seguida, como uma coisa imunda e inútil” (Maupassant, 2009, p. 67). Se sentindo humilhada, Bola de Sebo começou a chorar e a “Sra. Loiseau soltou um riso mudo de triunfo e murmurou: ‘Ela chora de vergonha’” (Maupassant, 2009, p. 68).

Temos, nesse conto, perfis da sociedade francesa delineados de maneira caricatural através das personagens que representam a burguesia, a nobreza e o clero. Para Neves (2007, p. 56) há uma tendência, na obra de Maupassant, de valorizar as personagens humildes e tratar com uma cruel ironia a burguesia. Nisso, as descrições que o narrador faz em relação à moral e aos bons costumes dessas personagens são postas em prova, durante o conto, para mostrar as contradições presentes na sociedade francesa do século XIX. A própria facilidade com que os integrantes da diligência mudam de comportamento com Bola de Sebo, de acordo com os interesses e necessidades que estão em jogo, nos mostram as relações de convivência e conveniência das pessoas de *Religião e Princípios*. Assim, ao final do conto, Bola de Sebo volta para o estado inicial: desprezada pelos companheiros, mas, dessa vez, humilhada.

Os sentimentos e valores de Bola de Sebo, em relação a negar deitar-se com um prussiano, não são considerados pela diligência. Entretanto, Élisabeth Rousset atravessa seus ideais e aceita dormir com o prussiano para que ela e seus companheiros possam prosseguir a viagem, sendo que, para uma bonapartista como ela, isso seria o mesmo que uma traição ao seu país. Para ela, “deitar-se com um prussiano [...], seria admitir outros conceitos, partilhar ideias que contradiriam sua pessoa, trair a si mesma e aos seus valores pessoais e políticos” (Lima; Tabak, 2015, p. 151). Por isso, a construção de Bola de Sebo, por si só, já é irônica: uma prostituta religiosa que é extremamente patriota e sentimental, e adepta dos ideais bonapartistas, mas que, dentre os integrantes da diligência, se mostra como a “mais digna e a única a inspirar sentimento patriótico verdadeiro” (Neves, 2007, p. 55).

Um outro elemento que há no conto de Maupassant é a “desfocalização do herói”, em que Bola de Sebo é o elemento indispensável para a leitura do conto, “pois é em torno dela que, a partir de um certo momento e até o final, vão se desenvolver os acontecimentos” (Machado, 1995, p. 61). De maneira semelhante e como já dito anteriormente, Machado de Assis também desfocaliza Lucrecia, mas,

ao mesmo tempo, através de sua presença (e de Élisabeth Rousett, em Maupassant), o narrador estabelece a ironia e põe os valores sociais em questão. Contudo, diferente de “O caso da vara”, observamos o narrador de Maupassant “interferir, com frequência, ele próprio na narrativa, tecendo comentários, mostrando seus conhecimentos dos fatos”, com certa “atitude pedagógica [...] fazendo suas observações” (Machado, 1995, p. 64). Curiosamente, ambos finalizam com um eco da situação inicial da história e essa retomada encerra a ironia do narrador e desnuda a hipocrisia social. Isso acontece porque, cada conto à sua maneira, deixa a impressão final de que “o mundo se mantém como ele é” (Lima; Tabak, 2015, p. 158), com a diferença de que aquela violência que, a princípio, estava mascarada e abafada, agora aparece de modo explícito: a tosse para dentro que se torna um acesso em Machado de Assis se reflete no soluço que Bola de Sebo não consegue conter na última frase do conto de Maupassant.

Assim como Machado de Assis, Maupassant não se preocupou apenas com a análise dos indivíduos de sua época, mas trouxe a análise de um elemento típico humano-universal que não se restringe à sociedade francesa do século XIX: a violência discursiva na relação entre as classes, mascarada por uma linguagem decorosa (no caso de Maupassant) ou insinuativa (no caso de Machado de Assis), que se materializa como violência física na redução dos corpos das classes sociais baixas a objetos a serem abusados. Os dois autores, cada um à sua maneira, conseguem desnudar a realidade, mostrar uma situação através da perspectiva de classes subalternizadas e silenciadas, e revelar a condição humana com ironia e mordacidade. Isso é feito de uma maneira em que os narradores tratam com certa naturalidade as situações perversas que as personagens subalternizadas enfrentam, explorando um discurso cínico e contraditório presente na sociedade e que se estabelece por meio das classes dominantes. Ambos trazem personagens consideradas inferiores e as realocizam no conto, de modo a, por meio delas, evidenciar as sinuosidades das relações sociais presentes no corpo social, independentemente da época e de sua localização geográfica.

Referências

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade (1873). *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 6, n. 11, p. 59-68, jan.-jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/37074>. Acesso em 21 mai. 2023.

ASSIS, Machado de. O caso da vara (1899). In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*, volume 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 275-281.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARDOSO, Helena Schiessl. O escravo no Brasil na passagem do século XVIII para o século XIX: considerações a partir das ambivalências do compadrio de cativos na região do Paraná. *Revista Eletrônica do CEJUR*, v.1, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cejur/article/viewFile/15498/11491>. Acesso em 04 out. 2023.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

LIMA, Clarissa Navarro Conceição. “La Morte”, um conto fantástico e realista de Guy de Maupassant. *Revista Lettres Françaises*, Araraquara, n. 18, p. 75-89, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/10650/6893>. Acesso em: 19 out. 2023.

LIMA, Clarissa Navarro Conceição; TABAK, Fani Miranda. A construção da personagem feminina em “Boule de suif”. *Revista Lettres Françaises*, UNESP Araraquara, vol. 1, n. 16, p. 141-161, 29 fev. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/8404/5661>. Acesso em: 07 out. 2023.

MACHADO, Guacira Marcondes. O discurso realista em Guy de Maupassant. *Revista Lettres Françaises*, Araraquara, n. 1, p. 59-66, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/1278/1024>. Acesso em: 19 out. 2023.

MAUPASSANT, Guy de. Bola de sebo (1880). In: MAUPASSANT, Guy de. *125 contos de Guy de Maupassant*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 34-69.

MAUPASSANT, Guy de. *Boule de Suif*. Urbana: Project Gutenberg, 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/10746>. Acesso em: 16 fev. 2024.

NEVES, A. das. *A volta do Horla: a recepção de Guy de Maupassant no Brasil*. 2007. 288 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROUBINE, Jean-Jacques. Aristóteles revisitado. In: ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2013. p. 14-56.

SCHWARZ, Roberto. A importação do romance e suas contradições em Alencar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social dos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades & Ed. 34, 2000. p. 35-79.

Para citar este artigo

BEZERRA, Larissa Ingrid Pinheiro de França; PONTES, Newton de Castro. O discurso realista em dois contos de Machado de Assis e Guy de Maupassant. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 292-309, maio-ago. 2024.

Autoria

Larissa Ingrid Pinheiro de França Bezerra é graduanda de licenciatura em Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, na Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista de Iniciação Científica (Funcap/URCA) em projeto sobre conto e realismo no século XIX, tendo como foco

as obras de Machado de Assis e Maupassant. E-mail: larissa.ingrid@urca.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-9188-4098>.

Newton de Castro Pontes é doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com pós-doutorado pela mesma instituição. Possui mestrado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e licenciatura em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atualmente, é professor adjunto de Teoria da Literatura (URCA) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da URCA (PPGL-URCA). É pesquisador na área de Teoria do Conto, com ênfase atual nas literaturas hispano-americanas. É líder do Gennova - Grupo de Estudos em Narrativa e Novas Variantes, membro do Netlli - Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária, editor-geral da revista científica Miguilim e editor-adjunto da revista Macabéa. E-mail: newton.pontes@urca.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9960-0019>.